

MAIS AO SUL

um recorte da arte cerâmica
no sul do Brasil



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

MAIS AO SUL

um recorte da arte cerâmica
no sul do Brasil

Viviane Diehl - org.
Carlos Augusto Nunes Camargo
Rosana Tagliari Bortolin
Sandro Ouriques Cardoso

2022

MAIS AO SUL: um recorte da arte cerâmica no sul do Brasil

Viviane Diehl (Org), Carlos Augusto Nunes Camargo, Rosana Tagliari Bortolin, Sandro Ouriques Cardoso.

Editoração: Júlia Prates dos Santos Girardi, Cauã Alves Calixto, Milene Back Juwer

Diagramação e capa: Milene Back Juwer

Imagem da capa: Viviane Diehl. " CAMADAS", 2017

Tradução e Revisão: Letícia Lazzari

Revisão Gráfica: Sandro ka

1º Edição

Feliz, RS Brasil

Editora IFRS

Ano 2022

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hac*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M231

Mais ao sul um recorte da arte cerâmica no sul do Brasil [recurso eletrônico] / Carlos Augusto Nunes Camargo, Rosana Tagliari Bortolin, Sandro Ouriques Cardoso; organização Viviane Diehl. -- 1.ed.-- Bento Gonçalves, RS : IFRS, 2022.

1 arquivo em PDF (108 p.) : il. color.

ISBN 978-65-5950-113-7

1. Cerâmica. 2. Artes. 3. Arte moderna - Séc. XXI - Rio Grande do Sul. I. Diehl, Viviane, org. II. Camargo, Carlos Augusto Nunes. III. Bortolin, Rosana Tagliari. IV. Cardoso, Sandro Ouriques.

CDU: 738

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira - CRB 10/1933

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte ou com a prévia autorização da autora.

Este catálogo foi contemplado pelo EDITAL IFRS N° 020/2021 - apoio a programas e projetos de extensão voltados à arte e à cultura, EDITAL IFRS N° 01/2022 auxílio à publicação de produtos bibliográficos, EDITAL IFRS N° 13/2022 auxílio institucional à extensão.

*Fotos das páginas 04, 09, 87 e 107: Viviane Diehl "CAMADAS", 2017. Fotografia digital a partir do olhar para a queima cerâmica, no forno de papel, realizada no Festival de Queimas, em Florianópolis, promovido pelo programa NUPEART Pro...Move do Centro de Artes - CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1. MATÉRIA DO TEMPO

Carusto Camargo, Rosana Bortolin, Sandro Ka, Viviane Diehl.

2. ARTE CERÂMICA NO SUL DO BRASIL

Alexandra Eckert
Ana Flores
Betânia Silveira
Carina Weidle
Carusto Camargo | curador
Cinthia Sfoggia
Eduardo Freitas
Glauca Flügel
Ilca Barcellos
Isabela Mandes Sielski
Márcia Braga
Maria Cheung
Maria Helena Saporoli
Marília Diaz
Rodrigo Núñez
Rosana Bortolin
Sandro Ka | curador
Tania Ferreira Schmidt
Viviane Diehl | curadora

3. CATÁLOGO DAS OBRAS E BIOGRAFIA D@S ARTISTAS



APRESENTAÇÃO

A arte cerâmica provoca e inventa modos possíveis para compreendermos o mundo, em interação, num entre-lugar intercultural. A produção da arte cerâmica contemporânea tem se mostrado e se destacado pelo caráter estético, social e histórico que reverbera, o que torna pertinente reunirmos registros para expandir a presença e a experiência da arte, cuja potência para suportar e elaborar o vivido temos observado no contexto da pandemia.

Diante disso, por meio dos projetos desenvolvidos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz, entre 2017 e 2021, com a participação de estudantes bolsistas, foi identificada a limitada disponibilidade de registros que apresentem uma perspectiva singular ou compilada da arte cerâmica contemporânea sul-brasileira. Assim, o projeto extensionista “Arte, cerâmica e cultura” (2020-2021) inaugurou a proposta para reconhecer e colocar em visibilidade o que tem sido produzido na cerâmica contemporânea MAIS AO SUL.

De modo colaborativo, contamos com o artista e professor Carlos Augusto Nunes de Camargo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), a artista e professora Rosana Tagliari Bortolin (Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC) e o artista e professor Sandro Ka (IFRS - Campus Alvorada) para a curadoria, observando aspectos que perpassaram a produção cerâmica, a temporalidade e a repercussão das obras.

Os artistas que aceitaram o convite para estarem conosco neste projeto, em meio à pandemia, e quando o tempo deflagrava outros sentidos, são apresentados em ordem alfabética neste catálogo, o qual teve o projeto gráfico desenvolvido por estudantes bolsistas dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. Os textos que tratam da poética foram informados pelos próprios artistas e os dados técnicos das obras de arte apresentadas, bem como a biografia dos artistas compõem o capítulo final do catálogo.

O catálogo MAIS AO SUL traz um recorte da arte cerâmica contemporânea sul-brasileira, contribuindo para a divulgação, valorização e fortalecimento do potencial artístico, pedagógico e cultural da arte como conhecimento.

PRIMAVERA NA PANDEMIA, 2021

VIVIANE DIEHL

EDUCADORARTISTA

COORDENADORA DO PROJETO EXTENSIONISTA ARTE, CERÂMICA E CULTURA

1. MATÉRIA DO TEMPO

O fogo amolece a terra que ferve, que esfria e que endurece. A decomposição provocada pelo tempo mineral nos presenteia com a riqueza da matéria-prima básica. Mesclas de materiais compõem a massa perfeita a qual manipulamos, em íntimos e solitários diálogos, que atravessam nossos corpos. O coração pulsa, e a barbotina irriga e alimenta o imaginário. Surgem ninhos, casulos; a cápsula primordial que gera corpos frágeis, que nutrem e que são nutridos de comida, de memórias, de afetos, de humanidade, de generosidade e de efemeridade. Matéria e corpo trazem em si a ancestralidade, a proximidade, o pertencimento. Trazem, também, os distanciamentos e as dialéticas que oprimem desejos, exaltam violências e abusos de poder. Os tempos pandêmicos deixam vidas suspensas com almas translúcidas. A humanidade se desmaterializa, a vida sucumbe e dá lugar a fósseis pétreos, que buscam na fênix um novo ciclo de vida e morte, um possível renascer de novos organismos.

Frente a um supremacista intelectual localizado na esfera elevada do humano, coexistem em uma teia rizomática outros cérebros presentes nas extremidades dos órgãos de sentidos externos, e, por não dizer, internos. Os Dez, localizados nas extremidades dos dedos, que nos foram apresentados por José Saramago em "A caverna" (2017, p. 85), são realizadores autônomos que recebem "intenções vagas, gerais, difusas e, sobretudo, pouco variadas" do andar de cima. Indo além, creio que as extremidades das epidermes desses pequenos cérebros se comunicam com a intemporalidade dos olhos, com as visualidades de culturas cerâmicas de outros espaços e contemporaneidades. O cheiro molhado do barro e o fumo expelido pelos fornos à combustão impregnam as narinas dos dedos enquanto percorrem os caminhos de conformação do objeto cerâmico, desde a extração do material de modelagem à sensibilização do paladar transposto do interior de um utilitário. A petrificação da maleabilidade do material originário, ocorrida a temperaturas elevadas, entre 850 e 1320°C, transpassa o cotidiano do tato do ceramista e comunica um conceito poético, um manifesto de superação oferecido a outros organismos de percepção. Um corte transversal na cabeça nos questiona se o desejo originário do cérebro, localizado na cobertura do artista, não seria proveniente da massa contida dentro do crânio, mas dos órgãos de sentidos internos, como o fígado, a traqueia, o intestino e as secções de entrada e saída de nossos dutos de digestão, comunicação, sonorização e sexualização.

O desejo e a intenção da obra transfiguram-se em tarealidades orgânicas, sintéticas, plásticas e visuais.

Distintas, diversas, plurais. Mórficas e anamórficas, corpóreas e corporificadas. Das práticas e funções cotidianas à antifunção para além do que poderia se esperar das visualidades e lugares possíveis da cerâmica na contemporaneidade, ela se reafirma como matéria do tempo. É a personificação da transformação. As camadas de tempo, os tempos das camadas.

Tempos da terra, tempos da vida que produzem corpos, afetos, sonhos, desejos; convocando redes e conexões nas formas de existir e resistir.

O artista habita com a arte cerâmica.

Uma forma de terra, fogo, água e ar combinada com madeira, metal, resinas, fibras ou, ainda, outros materiais.

Efeita dessas coisas, mas não se parece com elas, porque surge dos processos, dos encontros, das vivências, das atenções, das relações do artista com o mundo, com as pessoas, com as coisas... A arte cerâmica não se parece com estas coisas, são organismos cujas descobertas cabem a quem quiser experimentar.

E continuamos existindo e resistindo.

PRIMAVERA NA PANDEMIA, 2021
CARUSTO, ROSANA, SANDRO E VIVIANE

Referências

COCCIA, Emanuelle. A vida sensível. Florianópolis/SC: Cultura e Barbárie, 2010.
SARAMAGO, José. A caverna 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



ARTE CERÂMICA NO SUL DO BRASIL



Alexandra Eckert

Porto Alegre/RS, 1971
Vive e atua em Porto Alegre/RS

Quando buscava uma forma arredondada, que pudesse ser envolvida pela minha mão, modelei, sem querer, o primeiro coração. Aos poucos, estabeleci um contato mais intenso com as imagens desse órgão vital, e, precedidos por vários estudos e desenhos, iniciei a confecção de corações de porcelana pelo sistema de moldes de gesso que aceleram o tempo de execução das esculturas. Através da produção seriada, acontecem pequenas inserções de diferença na porcelana pigmentada com óxidos e corantes minerais, conferindo-os leveza, fragilidade e singularidade, meus principais objetivos. Conferindo destaque dos corações de cerâmica em cada trabalho, eles se fazem presentes em desenhos, livros de artista, fronhas de traveseirinhos e dentro de caixinhas de remédio. A hibridização entre a gravura e a cerâmica me fez construir instalações no campo da afetividade e da delicadeza, potencializadas por bordados de linhas, texturas e cores, que representam artérias e veias que pulsam nos corações. Assim, precisam acontecer para fora da imagem estampada, sendo incorporados em minha poética artística. Bordar passou a ter grande força na minha produção, ao buscar reencontrar uma prática que lembra minhas avós e tias e, principalmente, minha mãe. Procuo reviver a afetividade delas para comigo e com todos da família; aquele gesto de afeto que tanto lembro, assim como muitos dos livros de meu pai e de sua biblioteca. Bibliotecas são silenciosas e espaços de conhecimento, de muitas histórias, de memória e de silêncios compartilhados por quem as frequenta. São essas bibliotecas que busco criar quando apresento uma série de livros de artista. De certa maneira, objetivo narrar histórias particulares - as heranças e memórias, mediante diferentes caminhos, somando novas experiências artísticas, como se cada gesto de impressão ou moldagem ampliasse o outro, e como se as reflexões sobre possibilidades da repetição na arte colaborassem para a descoberta de um novo e melhorado coração.









Ana Flores

Porto Alegre/RS, 1962.
Vive e atua em Porto Alegre/RS.

Minha pesquisa sobre patrimônio histórico começou com a investigação das cinco casas com fachadas azulejadas, remanescentes do século XIX, em Porto Alegre. Percebi narrativas em comum nestas casas que abrigaram vivências entre nascimentos e falecimentos de várias gerações até chegarem ao abandono e à própria impermanência. A matéria só pode ser suporte para a memória quando ressignificada e acolhida como objeto ou local de memória, capaz de evocar sentimentos de pertencimento aos contemporâneos. No painel da série *Elas que Ainda Estão* (2015), apresentado na 10ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2015), trabalhei com azulejos ainda presentes na arquitetura argentina, chilena, Uruguia e brasileira. O *Pote NO/SI* (2013), da série *NO/SI*, exibido na exposição *Queermuseu* (Porto Alegre, 2017 e Rio de Janeiro, 2018), constitui-se de uma ânfora em formato elíptico, na qual lê-se o monossílabo NO em uma face e, SI em outra face. Representa a dicotomia de um sistema rígido e binário onde só é possível classificar e catalogar as coisas e as pessoas como do bem ou do mal, inviabilizando a intersecção, o hibridismo, a mestiçagem, a ambiguidade e o indefinível presente nas diferenças individuais. Com o mesmo título da música de Chico Buarque, a série *Construção* (2014) propõe a reflexão sobre a vida florescer em um local improvável como a nossa distopia brasileira.









Betânia Silveira

Belo Horizonte/MG, 1957
Vive e atua em Florianópolis/SC.

Entremeados de Tempos. Série que se inaugura na exposição *Quiasma* de 2009 e se prolonga em teceres múltiplos até os dias de hoje, muitas vezes, ocorrendo de forma paralela a outros projetos em andamento. Com o tempo, a pesquisa ganha novos rumos, outras indagações. No entanto, é sempre um entrelaçado, não só de linhas de argila, mas também uma imbricação de experiências de vida, morte, vida. Os entrecruzamentos visuais são frutos de gestos caóticos que desenham tridimensionalmente o espaço e constroem estruturas cerâmicas entretecidas com fios de barro e fluxos de energia. Ao aproveitar vegetais mortos e descartados e dar-lhes nova vida, crio espécies de fósseis, restos petrificados que guardam a memória da matéria viva nas formas que são tramas, raízes ocultas, labirintos e conexões de entremeados de tempos, passado e presente urdidos num só corpo repleto de pontes de ar e caminhos de pedra.









Carina Weidle

Novo Hamburgo/RS, 1966.
Viva e atua em Curitiba/PR.

Os trabalhos em cerâmica que realizo têm uma origem escultórica, um interesse pela modelagem livre e pelo uso da cor. Na minha trajetória, antes de ter algum interesse pela cerâmica, era o diálogo entre a materialidade e a forma, com um pendor humorístico e surreal, que determinava as obras. Depois de me interessar pela cerâmica, percebi que a maleabilidade que buscava em tantos materiais era já dada na cerâmica. Também a miríade de possibilidades do meio, em termos de superfície e cor, exerceram uma sedução grande. Uma dificuldade que encontrava na cerâmica era a determinação da escala em relação ao tamanho do forno. A construção de trabalho em pedaços a serem montados depois da queima foi a solução encontrada. Porém, mais do que solução, este recurso possibilitou uma expressividade, que quando foi reconhecida por mim, trouxe a lembrança de que, em trabalhos mais antigos, em madeira, havia separado a imagem em módulos ou pedaços orgânicos, trabalhos que pertencem a séries maiores. A "Casa Negra" foi um destes trabalhos em que partes formam um todo. Nele, também experiências com formulações de vidrados foram desenvolvidas; com vidrados acetinados, vulcânicos e desenhos em platina. Algumas obras têm em comum o olhar sobre objetos cotidianos, antigos, uma certa animação ou personificação das formas e o uso de materiais como a borracha, travando um diálogo entre maleabilidades. Giácomo e Beatrice são cabeças de personagens históricas que foram fatiadas, revelando o interior colorido da massa cerâmica. O interior da matéria e a profundidade já foram, muitas vezes, alvo de interesse em meus trabalhos. Na cerâmica, isto requisiu procedimentos menos convencionais, cuidados na queima e aceitação de fissuras ou "defeitos" que passariam a ser um tema no meu processo criativo.









Carusto Camargo

São Paulo/SP, 1962.

Vive e atua em Porto Alegre/RS.

Do vazio das suas mãos: série de organóides pandêmicos Do vazio das suas mãos brota um organóide pandêmico em fuga do isolamento social do corpo mãe. Uma estrutura tridimensional viva, originária do barro, da solidão e da tristeza represada entre o marejar dos olhos e o sufocamento do peito. Do feminino, que a todos habita, transborda um grito seco e silencioso que, de regresso às entranhas, ativa uma reprodução embrionária latente de renovação e organização de uma nova funcionalidade frente a um confinamento pandêmico permanente. A instabilidade do erecto e a permeabilidade da membrana pele do volume humano, recipiente vítreo dessa gênese, originam um novo organismo de fronteira rugosa e rígida que saboreia, em cores, a presença sedutora e agressiva do fogo no interior de um forno cerâmico devorador de carvão, serragem e lenha, contido dentro do universo de uma churrasqueira doméstica. O vírus, como uma serpente, perpassa as cavernas e túneis desse organóide de volume aberto e não mais se instala em seu interior. As pequenas protuberâncias de suas superfícies e a sinuosidade de seus volumes não permitem mais a este organismo um estado erecto único, um desejo de piso ou mobília. Sua morada é a generosidade afetiva e resiliente do corpo que o gerou. Seu amanhã é o vazio de outras mãos, sensibilidades e afetividades compartilhadas no silêncio de um pulmão rarefeito e de um coração miúdo, por enquanto.









Cinthia Sfoglia

Porto Alegre/RS, 1957
Vive e atua em Porto Alegre/RS.

Desde a faculdade, trabalho com as fragilidades humanas. Minhas obras se referem às fragilidades do ser humano frente do mundo contemporâneo. Através delas, abordo as questões do nosso jardim interior. A partir de 2004, venho trabalhando nas fragilidades do nosso fazer manual. Me interessa questionar o quanto estamos perdendo nossa relação entre criar e fazer. Me refiro a um fazer deixando a marca de cada ser humano que, no meu olhar, ressalta a individualidade de cada objeto executado. Me fascino com os sinais que ficam do fazer humano, toda carga de sentimentos e crenças que carregam nos mostrando suas sutilezas, que é o que as diferenciam. Na verdade, seus erros são o que lhes dão vida, longe do fazer da máquina. Sempre perfeita e impessoal. A tecnologia é uma ferramenta fantástica, mas questiono as problemáticas que a envolvem. Se não está apagando nossa poesia mental, nossas marcas de identidade. As máquinas deixam, a meu ver, as coisas mais racionais, anulam as individualidades. Minhas figuras representam esta situação e tem a função de estimular questionamentos relacionados a estas perdas de identidade. Me aproprio de conexões hidráulicas de cobre, idealizadas para conectar canos de água. Desconstruo esta função tratando elas como "desconectadoras" entre nossa parte terrena, calculista, racional... representada por nossos membros inferiores, que estão "agarrados" ao chão, e nossos membros superiores que estão representando nosso pensar, criar, sonhar... e dar uma identidade, uma representatividade. A conexão, que nesta situação desconecta estas duas seções humanas, está representando nossa parte máquina. No meu imaginário, desejo expressar com minhas figuras o resultado deste olhar poético que vejo no criar e fazer manual contraposto com a impessoalidade do fazer pela máquina. As reflexões desencadeadas destas observações, desta dialética, têm como propósito nos fazer pensar se estaríamos nos tornando máquinas...









Eduardo Freitas

Porto Alegre/RS, 1990.
Vive e atua em Portugal.

Em 2017, Eduardo Freitas mudou-se do Brasil para Portugal como objetivo de encontrar novos estímulos para o seu processo criativo. A vivência multicultural refletiu-se na sua prática artística, cuja temática passou a interpretar as imagens do corpo ligadas aos elementos da tradição do Alentejo, região onde o artista foi morar. Assim, originaram-se os trabalhos desenvolvidos em colaboração com os mestres, numa abordagem que aproxima os conhecimentos empíricos dos artesãos à crítica reflexiva da arte contemporânea. Neste sentido, foram exploradas as técnicas cerâmicas e o património identitário alentejano, como a gastronomia, o canto, o fabrico do vinho, a memória e, sobretudo, as relações interpessoais. É um ato de comunhão com a comunidade, onde alimenta-se das experiências em coletivo e bebe-se dos saberes populares. Partilha essa que nutre o tão essencial vínculo entre Arte, Cultura e Sociedade. No seu objeto de estudo mais recente, Freitas tem analisado a dimensão corpórea e o ato de comer, por meio de uma produção artística contemporânea que convoca os conceitos de ancestralidade, anatomia, comida, espiritualidade, antropofagia, ritos comensais, hospitalidade e o convívio à mesa.





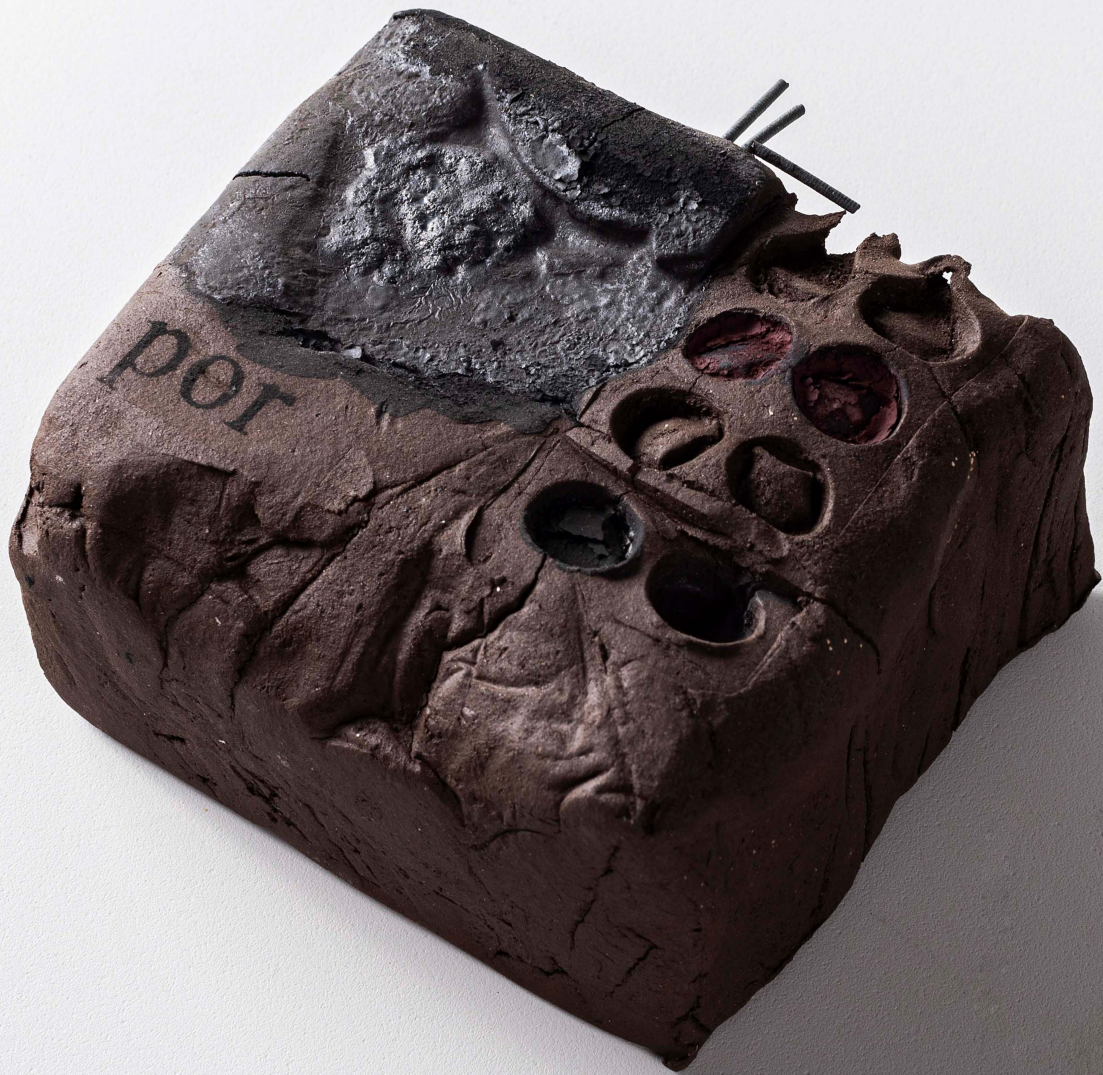




Glauca Flügel

Curitiba/PR, 1961.
Vive e atua em Curitiba/PR.

"Ser imagem significa estar fora de si mesmo, ser estrangeiro ao próprio corpo e a própria alma". (COCCIA, 2010, p. 23) Glauca Flügel realizava seus trabalhos nas linguagens da fotografia e cerâmica de forma isolada. Em 2012, a partir das reflexões suscitadas pela disciplina "A Poética da Imagem Digital nas Produções Cerâmicas Contemporâneas", (ECA, USP/SP), novas possibilidades se abriram. Surgia ali a união das expressões em suas obras. Quando passa a frequentar as oficinas de gravura em metal, no Solar do Barão, a linguagem é agregada a sua poética. Assim, a produção da artista mescla imagens fotográficas da própria sombra com palavras impressas e incorpora materiais como agulhas de acupuntura diretamente nas obras. Agora, sua cerâmica carrega elementos gráficos, numa conversa forte com a gravura. Seus trabalhos em gravura e cerâmica são realizados quase simultaneamente e interferências mútuas enriquecem os dois campos estéticos. A fotografia dialoga com ambos. Na cerâmica, o interesse da artista é pela peça única, com os rasgos, manchas, sobreposições, imperfeições e formas irregulares que já eram utilizados no seu trabalho anterior e também estão nos aqui apresentados. A isto, se somam imagens-sombra, imagens palavra e outros objetos - impressas tanto na cerâmica como na gravura em metal. A obra trata do corpo e expõe suas mazelas, fala da condição feminina, da subjetividade própria do gênero e da opressão que as mulheres sofrem no cotidiano. Tudo isso é abordado de forma quase *nonsense*, com ironia, o que fica claro nas palavras que são selecionadas de bulas de remédios, mas exorcizadas a qualquer resquício de dor. Sentidos e grafismos passam à compor as imagens em papel ou argila. O resultado final provém de construções feitas com escolhas minuciosas de palavras, imagens, cores, formas e no estabelecimento de relações entre tais elementos.









Ilca Barcellos

Pelotas/RS, 1955.

Vive e atua em Belo Horizonte/MG e Florianópolis/SC.

A poética que perpassa o meu trabalho é o diálogo entre ciência e arte, entre o natural e o artificial, o controle e o acaso, o permanente e o efêmero. Iniciei explorando o conceito de ludo transgenia: seres fictícios (esculturas em cerâmica) hibridavam elementos dos reinos vegetal e animal e se apropriavam de forma lúdica da nomenclatura científica. Desde então, investigo as possibilidades conceituais que tangem meu duplo percurso: científico e artístico. Busco indagar através da minha produção a poética do pulsar, do devir através do cruzamento entre arte, biologia e natureza. Trago, em diferentes trabalhos, a referência a estruturas vitais ligadas ao brotar, ao germinar da vida. São estruturas aparentemente frágeis e tênues, mas que potencializam em si a capacidade do devir, do vir a tornar-se algo. Atualmente, ampliando minha pesquisa em arte, exploro diferentes faturas e materialidades: cerâmica - estruturas vegetais, cerâmica - tecido, cerâmica - espuma expansiva, EVA - metal. Estes materiais se anastomosam, se entrelaçam reverberando outras ambiências por meio do diálogo com o espaço expositivo.









Isabela Mendes Sielski

Florianópolis/SC, 1963.
Vive e atua em Florianópolis/SC.

O encantamento com grandes formatos desafiando o espaço, o material e a técnica milenar do utilitário, as esculturas-potes fizeram parte de meu contato inicial com o barro como suporte da arte. Peças que, dialogando com sua tradição, se erguiam para o alto (Esculturas cerâmicas, 1992-1997). Em Autorretrato (2018), me aproprio da primeira peça em grande formato, realizada em técnica de acordelado, a qual já com as marcas do tempo - musgos - serviu de suporte para um retrato atual. A cerâmica que resiste ao passar do tempo junto a fotografia permite eternizar um gesto - das mãos sobre o torno cerâmico. Impressa em adesivo, a imagem surge em camadas sobrepostas "Recipiente para Mar le I (2018) faz parte de uma série de receptáculos inspirados em praias do litoral brasileiro onde existe a presença das falésias. Formações rochosas advindas do contato do mar com a terra, moldadas através das marés, ondas e correntes oceânicas. Os pratos-recipientes apenas querem simular um rastro da paisagem, enquanto reafirmam a tradição cerâmica do Brasil e fazem-nos lembrar que a cerâmica também é "terra moldada". Em 2020, duas propostas remeteram à efemeridade: "Sopro de vida 3" é a modelagem de um pulmão que, antes de passar pela queima, é colocado em 3 situações em um ato de doação sobre uma almofada de veludo vermelho, com a imposição das mãos sobre eles, e sobre a terra como sinal de fertilidade, ao tempo que indica sua possível desmaterialização. Em "Pulsção", o órgão vital é o coração que necessita estar em seu estado saudável para pulsar. O barro é molhado, vermelho, e as mãos com as luvas cirúrgicas moldam e cuidam. Fotografias registram as ações, e recordam a Gabriel Orozco ("Minhas mãos são meu coração", 1991). Efêmero paradoxo da arte e da vida.









Márcia Braga

*Santo Ângelo/RS, 1973.
Vive e atua em Porto Alegre/RS.*

Corpo frágil. Distanciado. O macio não se descobre em toque ausente. Tempo lento. Mais lento. Em vida "suspensa", despençam as urgências. A regra é manter-se (em equilíbrio?). Trabalho com o que tenho à mão. Improviso o gesto. Descubro o nó. Amarro. Arranho os dedos. As formas que pesam, agora pesam mais. Seguem repetindo-se infinitamente em sua dureza. E o corpo que carregue! Oxalá fora casca, escama, carapaça. Algo que nos proteja! A memória do fogo é o que você vê. O que quase não, trago no verbo. E entre tudo que insiste em seguir junto, parece não caber mais nada. Neste lugar, meu pensamento se espreme e resiste. O que eu faço acumula pó e junta bicho. Mas quem disse que gente é melhor?









Maria Cheung

*Hong Kong/China, 1957.
Vive e atua em Foz do Iguaçu/PR.*

Eu tinha 7 anos de idade quando cheguei ao Brasil e, como estrangeira, me deparei com um universo completamente novo, adverso e muitas vezes cruel, que me levou a negar minhas raízes para ser aceita na nova sociedade. Muitos anos depois, já inserida neste novo contexto, tive a segurança e a tranquilidade para redescobrir as minhas referências. "NINHO": significa pátria, berço, terra natal. Me emociona ao pensar no simbolismo deste elemento. Construir o meu próprio ninho na China é ter o meu berço de volta, é voltar às raízes da minha terra natal e voltar para dentro de mim mesma. As "Chupetas" representam o seio materno, segurança, carinho, equilíbrio, que contribuem para o desenvolvimento emocional das crianças na fase de crescimento oral. Neste trabalho, as chupetas representam o retorno as necessidades da minha infância.









Maria Helena Saporoli

Curitiba/PR 1955.
Vive e atua em Curitiba/PR.

Artista visual, em meu percurso artístico, utilizo elementos que se repetem e se agrupam definindo contextos e determinando relações, uma constante em meu trabalho. As dimensões dos objetos, seus signos e significados se moldam e acrescentam outros entendimentos e vínculos de pertencimento, onde a dualidade e a relatividade são questões sempre presentes. Embora pouco utilize a figura como sujeito, meu principal pretexto e inspiração se encontra nas pessoas, seus comportamentos e suas emoções, seus conflitos, suas tentativas, seus erros, seus acertos, suas dores, sua humanidade. A escolha da cerâmica como principal meio de expressão tem a ver com paixão. Meu trabalho se desenvolve e completa no contato com a argila, suas cores e texturas, seus desafios técnicos e a transmutação através do fogo. Em "SE", as dimensões das taças se mesclam e acrescentam outras conversas de relação e pertencimento. No poema que acompanha a obra "flores, tristes flores", onde expresseo o meu olhar sobre a dor, faço um convite à sua leitura: "ensaio sobre a dor. ardor, a dor que arde em fogo véu que vela e revela flores que se fecham, dobram sobre seus corpos, enrijecem seus caules, de luto se vestem chovem do alto em busca do abrigo, do abraço, do colo, do ninho que não mais encontram, flores, tristes flores". Em "In Verso", os pequenos continentes contêm palavras, que por si contêm significados, seus próprios conteúdos. As palavras se modificam ao percebermos o N em sua linha transformadora/inclusiva, revelando seus opostos, seus complementos sua aparente N existência ou N visibilidade. Ambos existem, são compreendidos e dão sentido um ao outro. Da Série Universos Mínimos - "Busca e "Fronteira", são um convite do olhar para dentro e descobrir. Um encontro marcado com o inesperado e a sensação por ele causada. Recortes de breves espaços de tempo.









Marília Diaz

Curitiba/PR, 1955.
Vive e atual em Curitiba/PR e Seixal/Portugal.

nquieta pelo acionamento do convite para participar da Exposição Arte Cerâmica no Sul do Brasil, escavei meu inventário de margas. Agora, imobilizada pelo tempo pandêmico e revisitando a minha produção, percebo que o fenômeno das narrativas não se interrompeu. Na imersão ao passado, orbito pela centena de exposições e produções com as matérias primordiais. No ato de vasculhar, passo pelo atravessamento, escolho, paro e me pergunto: O que esta obra tem a me dizer hoje? Analisar o tempo e o espaço, entender a recolha intensiva e singular de objetos nesta vida multifuncional com uma rede cheia de conectividade, de partilha, talvez possa objetar os porquês e como enveredei por estas escolhas. Analisadas em processo de afastamento, colisão, estímulo ou inspiração, essas obras integram não só o meu espólio, mas a paisagem de um corpo de mulher. Lá atrás, exploro a flor que advém do Cretáceo Inferior, órgão de reprodução das plantas, parte de onde sairá à semente e ou o fruto, princípio passivo, uma entidade feminina. O rizoma persiste e nas crostas de meu dorso surge a narrativa do percurso terreno, do óvulo do esquife. Então, o corpo retesa-se e, contraído, prepara-se. A luta é imanente. O tempo escoia nas mãos que preparam a argila, cortam, finalizam as pequenas peças. Empós a ação do fogo e as reações alquímicas das tintas. O corpo e os sete anos de costuras e o entrelaçamento do cobre. Espaços de lida e de contemplação. Ação dialética, aproximações e distanciamentos. Sete anos. As roupas couraças são finalizadas e esperam pela entrada do corpo que deseja habitá-las. Guerrear e/ou morrer.









Rodrigo Núñez

*Porto Alegre/RS, 1970.
Vive e atua em Porto Alegre/RS.*

Estes trabalhos fazem parte de uma série que discute o potencial narrativo da forma e o quanto essas narrativas se desdobram em outras no espaço expositivo, a partir de sua combinação com outras técnicas como desenho, pintura e/ou objeto. Ao criar este espaço de conversação, provooco uma reflexão sobre o próprio processo de criação, sobre seus tempos, e as relações destas conversas silenciosas entre o artista e a matéria.







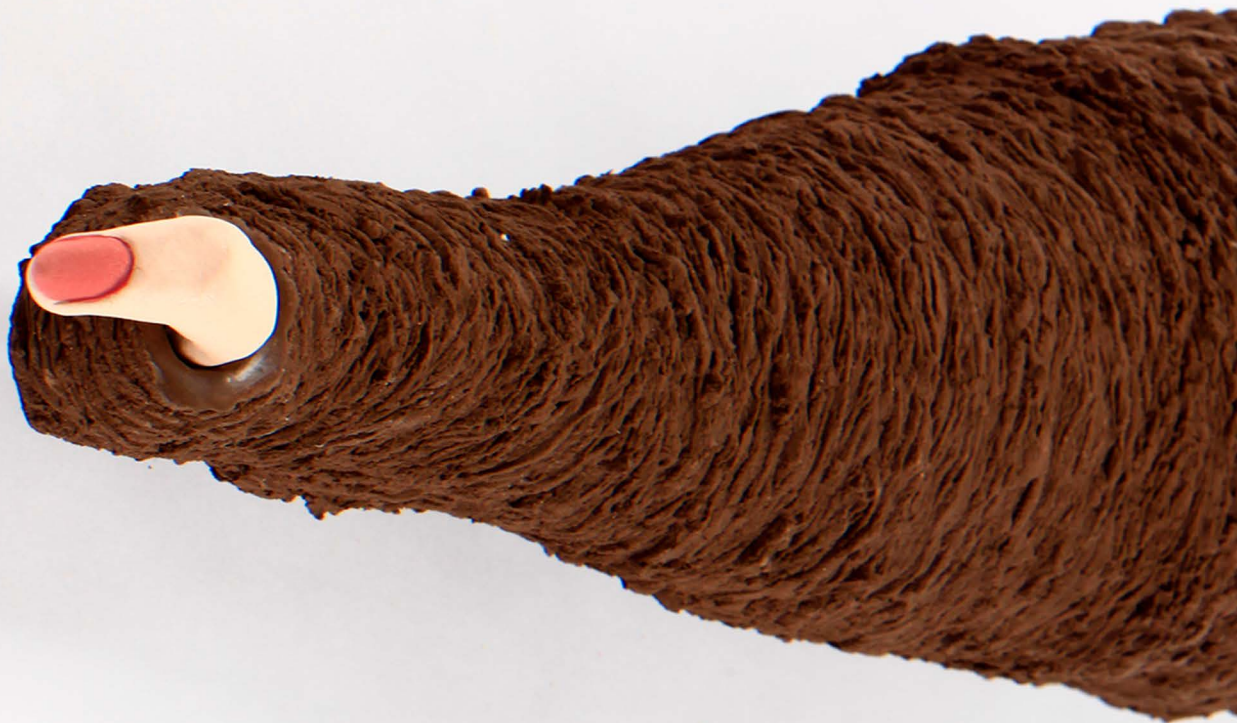


Rosana Bortolin

Passo Fundo/RS, 1964.
Vive e atua em Florianópolis/SC.

Minha poética permeia o universo feminino. A fecundação, inerente ao assunto, acompanha meu processo criativo. Observo os fatos que sucedem ao meu entorno e os utilizo para fomentar meu imaginário. Em 1999, na minha casa, percebo pássaros e vespas construindo, com argila, diferentes ninhos e casulos. Observo detalhadamente seus movimentos e registro seus métodos construtivos. Assim, desenvolvo uma técnica própria de modelagem, utilizando a ponta dos dedos para acomodar camadas sobrepostas de argila, onde a textura é que vai determinar a forma da peça. A pesquisa sobre o assunto pode ser conferida na série denominada "Habitar Ninhos" e na dissertação "Ninho, Casa e Corpo" (2005). O trabalho teórico aponta reflexões sobre o corpo, a casa e o planeta Terra, percebendo-os como diferentes camadas sobrepostas. Se estabelece uma analogia entre as camadas que revestem os corpos e as camadas sobrepostas de argila que constituem as obras. Meu corpo é incorporado à poética quando me banho de argila, aos nove meses de gestação, e o vivencio como o ninho primordial, a casa daquele que ainda não nasceu. Minhas elucubrações se direcionam à discriminação contra as mulheres, cujas inquietações despontam na série "Sagrado Profano". Múltiplos confeccionados em cerâmica, a partir de moldes de partes erógenas do próprio corpo, percorrem o mundo por meio de microintervenções efetuadas na paisagem e nos espaços urbanos por onde ando. O corpo e o ninho se fundem na série denominada "Organismos". Meus pensamentos se voltam aos temas impostos pelo sistema patriarcal, no que diz respeito ao envelhecimento, às relações de poder, ao controle dos desejos e às manifestações dos corpos femininos. Reflito sobre as regras incorporadas pelas diferentes religiões, pelo sistema político e sócio cultural que se traduzem em leis que diretamente nos afetam, nos tornam impotentes e nos adoecem.









Sandro Ka

Porto Alegre/RS, 1981.
Vive e atua em Porto Alegre/RS.

Meus interesses de pesquisa em arte, seja nas linguagens de desenho, escultura/objeto ou instalações, operam-se a partir do princípio da apropriação de objetos e imagens advindos do repertório da cultura de massa e da indústria cultural. A partir da utilização de elementos carregados de sentidos como matéria processual, tomo como ponto de partida suas informações preexistentes e proponho associações e cruzamentos que, por sua vez, operam disrupções e, conseqüentemente, a produção de novos sentidos. Trata-se de uma ativação conceitual desses elementos como possíveis condutores de discursos e problematizações, como portadores de possibilidades de significação. Percebo, assim, um meio possível de lançar questões e problematizações sobre o status quo e o establishment, seus sistemas de condutas, regras e controle sociais. Para além da produção de formas visuais, me interessa, sobretudo, elaborar reflexões acerca do tempo em que vivemos e das formas como nos relacionamos com o mundo e com as coisas, propondo pontos de estranhamento e inflexão.









Tania Ferreira Schmidt

*Nova Europa/SP, 1967.
Vive e atua em Porto Alegre/RS.*

Cápsula primordial para guardar e sobreviver. Casulos são estruturas que mantêm condições para a vida se desenvolver um ninho, uma colmeia, um fruto. São cápsulas de matéria e de tempo, formas que se repetem desde organismos primitivos a foguetes espaciais, recipientes que protegem, módulos de sobrevivência. Eu me aproprio dessa forma para desenvolver uma cápsula primordial. De forma mimética à natureza, que repete padrões, busco gerar esse elemento original, um objeto "tipo", desenvolvido para ser produzido em série. Minha intenção não é planejar uma nova forma a cada novo projeto, mas gerar uma matriz para construir o suporte para vários experimentos de fotocerâmica e outras técnicas de transferência de imagem. Objetos conformados em moldes e barbotina, a experiência da cápsula se repete em três séries de maneiras diferentes. "Translúcida luz" que é alma são colônias de organoides de porcelana, elementos de luz própria, protegidas por grandes casulos de tela de aço. Experimentos com porcelana translúcida, leds, trama de metal e sombras que o conjunto projeta na penumbra. As colônias têm superfícies gravadas com relevo, orifícios ou decalques cerâmicos. "Organoides olfatórios" são cápsulas de interior cor de rosa "mucosa" e iluminados por luz de led. Esses organoides abrigam "larvas" de tecido contendo uma mistura de dois aromas que, juntos, provocam estranhamento: chocolate e naftalina, canfôra e café, alho e baunilha. A predominância de um dos aromas é percebido de modo diferente por pessoas diferentes. Cápsulas ovóides são recipientes de uma coleção. Fotografias são reveladas na superfície das cápsulas e objetos orgânicos expostos no seu interior. São o relato de um vagar diário e de coletar elementos orgânicos que se desenvolvem na cidade mesmo em condições adversas como solo compactado, poluição e grandes áreas de concreto. A coleção é constituída de flores, sementes e insetos.









Viviane Diehl

*Carazinho/RS, 1964.
Vive e atua na Feliz/RS.*

Na produção em arte cerâmica que desenvolvo, convivo a uma experiência estética com o intuito de compartilhar sentimentos, percepções, conhecimentos e tecnologias, no entrelugar constituído a partir das artes visuais, da diversidade intercultural; suscitando e propondo questionamentos, diálogos e pensamentos. Na interculturalidade, criamos um entrelugar onde outras coisas podem acontecer a partir das culturas envolvidas produzindo encontros, ou mesmo, desencontros. Assim, no decorrer da produção em arte cerâmica, explorando as materialidades e tecnologias, surgem relações com a cultura guarani. Aproprio-me dos modos de fazer cerâmica, busco referências que movimentem meu processo criativo propositivo para dar visibilidade a essa cultura que, entre outros povos originários, estão em processo de apagamento. São comunidades que lutam incessantemente pelos direitos humanos e pela proteção ambiental. Essas implicações do apagamento que se expande para as florestas do mundo todo, no Brasil, afetam diretamente os povos originários. As séries "Floresta ancestral e "Florestas negras" se constituem como denúncia. Precisamos de atenção e cuidado na conservação das florestas, que têm sido devastadas todos os dias e aceleradamente, o que implica em salvar as vidas no planeta, precisamos respirar. Assim, o diálogo conceitual, a criação e a experimentação seguem sem limites ou fronteiras, permeadas por acontecimentos, para escolhas que são passíveis de transformações. É um processo em fluxo contínuo de onde emergem possibilidades, movimentos, pensamentos, escolhas, que repercutem nas tecnologias cerâmicas e compõem sentidos e significados.









CATÁLOGO DAS OBRAS E
BIOGRAFIA D@S ARTISTAS

ALEXANDRA ECKERT

alekeckert@gmail.com



Série Vide Bula: Coração Mix Plus. 2008.
Técnica: Múltiplo de porcelana (5,5 x 10 x 5 cm), queima em forno elétrico a 1230° C.
Materiais: Porcelana, bula de remédio em papel (9 x 29,5 cm), caixa de remédio (5,5 x 7,5 x 5,5 cm), em caixa de acrílico.
Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli
Fotografia: Ricardo Lage



Série Histórias Pequenas: Novas Paisagens. 2012.
Técnica: Queima a 1230° C, serigrafia e bordado.
Material: Porcelana pigmentada com óxidos e corantes minerais
Dimensão: 40 x 27,5 x 3 cm (cada)
Fotografia: Ricardo Lage

Alexandra Kloeckner Eckert Nunes nasceu em Porto Alegre. Quando menina, gostava muito de desenhar, pintar e fazer colagens, hoje, é artista visual, professora e pesquisadora. Licenciada em Educação Artística, Bacharel em Cerâmica. Mestre em Poéticas Visuais pela UFRGS. Doutora em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Suas pesquisas desenvolvem-se nos campos da cerâmica, da gravura, do livro de artista, da instalação e de ações colaborativas com experiências de partilha do sensível na arte. É docente na Graduação e Pós-Graduação da Universidade Feevale, onde coordena, também, os Laboratórios de Artes Visuais (Projeto Circular, Pinacoteca Feevale e Espaço Cultural Feevale). Participa de diversas exposições nacionais e internacionais, individuais e coletivas e salões de arte, e possui obras em acervos de importantes instituições museológicas do país. Ainda em sua trajetória profissional, atua como docente universitária, com Mestrado em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutorado em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale.

ANA FLORES

anafloresatelier@gmail.com



Da série Construção, 2014

Técnica: Cerâmica com vidrado de cobre, queima em forno elétrico a 1220°C.

Materiais: Malha metálica, arame, argila, vidrado de cobre.

Dimensão: 90 x 90 x 30 cm

Acervo de coleção particular

Fotografia: Artista



Pote NO/SI, 2013

Técnica: Queima em forno elétrico a 1220°C.

Materiais: Cerâmica com vidrado feldspático e óxido de estanho

Dimensão: 28 x 23,5 cm

Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Fotografia: Artista



Ana Berenice Hubner Flores é natural de Porto Alegre/RS, onde vive e trabalha. Desenvolve sua produção em cerâmica, pintura e bordado na construção de objetos e instalações. Bacharel em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes e Mestre em Design e Tecnologia, pela Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura, na UFRGS. Especialista em Arteterapia pelo ERGS, Porto Alegre/RS. Participou de várias exposições, sendo destaque no Prêmio Açorianos - Cerâmica, em 2010, recebido pela exposição individual "Um Dia entre Abril e Junho", na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM); a 10ª Bienal do Mercosul (2015) e a exposição Queermuseu, Porto Alegre/RS, em 2017 e no Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ, em 2018). Entre 2015 e 2019, desenvolveu pesquisa em Arteterapia através de oficina cerâmica com adolescentes infratores na FASE/RS, onde trabalhou como voluntária.

BETÂNIA SILVEIRA

betaniasil@gmail.com



Entremeados de Tempos. 2015
Técnica: Cerâmica esmaltada, queima em forno elétrico a 1220°C.
Dimensão: 13 x 65 x 10 cm.



Entremeados de Tempos (detalhe). 2017
Técnica: Cerâmica esmaltada, queima em forno elétrico a 1150°C.
Dimensão: 20x 32 x 17 cm.

Maria Betânia Silveira é natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, vive e trabalha em Florianópolis desde 1991. Com especialização em cerâmica inicia a vida acadêmica paralelamente à atuação como artista plástica. Realiza mestrado e doutorado em arte, enfocando a cerâmica, como mídia expressiva e área de pesquisa matéria e poética. Em 1995, estuda Cerâmica Design em curso orientado pela Universidade de Londres, em Rugby, Inglaterra. Em sua vida profissional, a artista, a professora e a pesquisadora sempre andaram entretecidas. Ao longo deste percurso, trinta anos de ações na área das artes visuais, inúmeras exposições individuais, coletivas, salões de arte e de cerâmica contemporâneas, em âmbito nacional e internacional, e frequente atualização em cursos e workshops, também ocorridos em várias cidades do Brasil e no exterior. Desde 1991, participa de Simpósios e Congressos Nacionais e Internacionais apresentando palestras, comunicações e workshops em países como Cuba, Turquia, Suécia, Inglaterra, Portugal e Brasil, onde expõe em coletivas e individuais. Recebeu vários prêmios ao longo dos anos sendo o último em 2020 de Reconhecimento por Trajetória Cultural no Estado e Santa Catarina. Possui várias publicações na área da cerâmica e da performance. Em 2014, é artista selecionada para compor o la Gido de Exposições Individuais do Museu de Arte de Santa Catarina, onde apresentou TELLUS, exposição fruto da pesquisa de doutorado. Atualmente, exercita o esperar e desenvolve novos projetos.

CARINA WEIDLE

carina.mw@gmail.com



A Casa Negra, 2013

Técnica: Cerâmica vitrificada, queima oxidante 1220C.

Materiais: Argila, vidrado vulcânico e platina.

Dimensão: 40 x 20 x 29 cm

Fotografia: Gilson Camargo



Beatrice, 2013

Técnica: Cerâmica colorida, queima oxidante de 1220°C.

Materiais: Argilas, porcelanas e engobes.

Dimensão aproximada: 48 x 28 x 28 cm

Fotografia: Gilson Camargo

Carina Maria Weille nasceu na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. A família mudou-se para Curitiba quando tinha 7 anos. cursou Desenho Industrial no ensino secundário no Cefet/PR e o Curso Pintura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Concluiu mestrado do Goldsmiths' College na Universidade de Londres, nos anos 90. No Brasil, passou a lecionar escultura e desenho, assim como participar de diversas exposições. Naquela época, tinha grande interesse em pesquisar materiais e suas expressividades. Foi apenas em 2009, em um curso de cerâmica na USP, ministrado pela professora Norma Grinberg, que passou a se interessar por cerâmica. cursou o doutorado na Universidade de São Paulo (USP), estagiou na Universidade de Bath Spa, na Inglaterra, onde teve contato com diversos ceramistas. Desde então, desenvolve trabalhos na área cerâmica e atividades acadêmicas na Universidade Estadual do Paraná, Brasil.

CARUSTO CAMARGO

carustocamargo@ufrgs.br



No vazio das suas mãos - organóide pandêmico II, 2021

Técnica: Cerâmica queimada, cerca de 960°C

Materiais: Argila terracota, carvão, areia, engobe cerâmico, lenha, serragem.

Dimensão: 10 x 18 x 11 cm

Fotografia: Artista



No vazio das suas mãos - organóide pandêmico III, 2021

Técnica: Cerâmica queimada, cerca de 960°C

Materiais: Argila terracota, carvão, areia, engobe cerâmico, lenha, serragem.

Dimensão: 06 x 12 x 03 cm

Fotografia: Artista

Carlos Augusto Nunes Camargo, artista visual, ceramista e professor Associado do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS com pós-doutorado pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. - FBAUL (2015), doutorado e mestrado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade de Campinas - UNICAMP (2003 e 2008). A partir de 2015, desenvolve padronagens e painéis cerâmicos utilizando a fotocerâmica e as técnicas tradicionais da azulejaria portuguesa e coordena o Núcleo de Instauração de Cerâmica e Arte (www.ufrgs.br/NICA). Recentemente, durante a pandemia da COVID-19, desenvolveu práticas pedagógicas e processos técnicos para o Ensino Remoto Emergencial, como convocatorias artísticas abertas e a construção de fornos cerâmicos de baixo custo e de fácil operação.

CINTHIA SFOGGIA

sfoggiacinthia@gmail.com



Conexões Contextuais - Hárpia. 2012
Técnica: Queima Raku em forno a gás a Cone 06 (1011°C)

Material: Massa cerâmica, nitrato de prata, esmalte cerâmico transparente alcalino, fio de cobre, conexão hidráulica de cobre.

Dimensões: 38 x 30 x 48 cm.

Acervo: Coleção Luizilla Estivallet



Arlequim II - A Égide. 2008

Técnica - Queima em forno elétrico a cone 7 (1245°C).

Materiais: Massa grês com pirita, óxidos de cobre e manganês, pigmentos minerais, fio de cobre, conexão hidráulica de cobre.

Dimensões: 37 x 24 x 39 cm.

Acervo: Coleção Felipe da Mata



Arlequim IV - O Mesto. 2008

Técnica: Queima em forno elétrico a cone 7 (1245°C)

Materiais: Massa grês com pirita, óxidos de cobre e manganês, pigmentos minerais, fio de cobre, conexão hidráulica de cobre.

Dimensões: 37 x 14 x 46 cm.

Acervo: Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul



Arlequim I: Nó Górdio. 2008

Técnica: Queima em forno elétrico a Cone 7 (1245°C).

Materiais: Massa grês com pirita, óxidos de cobre e manganês, pigmentos minerais, fio de cobre, conexão hidráulica de cobre.

Dimensões: 32 x 46 x 46 cm.

Acervo: Coleção particular da artista

Cinthia Sfoggia é artista visual e arquiteta, graduada em Artes Visuais - Bacharelado em Cerâmica (2000) pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez pesquisas e cursos de especialização em Cerâmica, Design, Fotografia, Arte Têxtil e Desenho desde 1989, com artistas nacionais e internacionais. Ministra aulas de Cerâmica Artística desde 1994 em seu Atelier e outros espaços. Integrou a diretoria da Associação de Ceramistas do Rio Grande do Sul entre 2000 e 2012. Foi sócia da Galeria 189. Em 2007, iniciou a participação em Grupos de Estudos Fotográficos Contemporâneos e nos coletivos Bando de Barro, Projeto Vizinhança, Projeto Espaços fotográficos, Sinapses e Tramando Arte. Foi citada em publicações e participou de várias exposições individuais e coletivas com premiações.

EDUARDO FREITAS

eduardoluizfreitas@hotmail.com



Pão com Cabeça. 2018

Técnica: 800°C - Forno elétrico.

Materiais: Cerâmica e prótese dentária da boca de um alentejano

Dimensões: Aprox. 20 x 16 x 14 cm

Fotografia: Tiago Fróis



Em colaboração com mestre moleiro António Guerreiro

O pão e a mão. 2020

Técnica: 1000 °C - forno elétrico

Materiais: Cerâmica e pão

Dimensões variáveis

Acervo: Câmara Municipal de Castro Verde



Eduardo Luiz Freitas é natural de Ponta Grossa - PR, Brasil. É formado em Escultura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2012), especialista em Poéticas Visuais (2015) pela mesma instituição, mestre em Práticas Artísticas em Artes Visuais pela Universidade de Evora (2019) e doutor em Arte Contemporânea na Universidade de Coimbra, Portugal. Em 2017, decidiu mudar-se de país na expectativa de encontrar novos estímulos para a sua produção artística. Vive e trabalha em Portugal desde então. Como artista, investiga as questões relacionadas aos conceitos de forma, matéria, hibridação, corpo e tradição. Tem exposto regularmente desde 2004 e recebido diversos prémios em salões e concursos de arte. Também realizou diversos projetos de residências artísticas no Brasil e instituições de Portugal, como: as Oficinas do Convento (Montemor-o-Novo); o Departamento de Escultura em Pedra (Evora); e o Centro Unesco para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (Beja).

Glaucia Flügel
gluciaflugel@gmail.com



Detalhe da obra Sem título. 2020
Técnica: Escultura cerâmica, forno elétrico, 1100°C.
Materiais: Cerâmica, óxidos, corantes, agulhas de acupuntura
Dimensão: 9 X 150 X 6 cm
Acervo da artista
Fotografia: Rodrigo Ramirez



Sem título. 2020
Técnica: Escultura cerâmica, forno elétrico, 1100°C.
Materiais: Cerâmica, óxidos, corantes, agulhas de acupuntura
Dimensão: 9 X 150 X 6 cm
Acervo da artista
Fotografia: Rodrigo Ramirez

Glaucia Flügel é formada em Escultura com Especialização em História da Arte do Século XX, ambas pela EMBAP, atua como artista visual desde 2001. Participa de exposições, recebeu prêmios e foi contemplada em 2008, com a Bolsa 3 Produção para Artes Visuais da Fundação Cultural de Curitiba. Possui obras em acervos no SESC Santo André/SP e Salão Elke Hering em Blumenau/SC, entre outros. Em 2012, frequentou a disciplina do Programa de Mestrado em Poéticas Visuais da Escola de Comunicação e Artes/ECA, da USP. Participa da oficina de gravura em metal, com orientação de José Roberto da Silva, no Museu da Gravura Cidade de Curitiba Solar do Barão. Produz seu trabalho em cerâmica, fotografia, gravura em metal, desenho, pintura e bordado. Além disso, ministra aulas de cerâmica em seu atelier.

ILCA BARCELLOS

ilcabarcellos@gmail.com



Assemblagem Embriões 2020

Técnica: Cerâmica, modelagem manual, queima 1100°C

Dimensões: Variáveis entre 12 e 5 cm.



Mega embrião. 2016

Técnica: Cerâmica, modelagem manual, queima 980°C e 1100°C e óxido de cobre.

Dimensão: 55 x 24 x 23 cm.

Ilca Marlene Barcellos é artista visual, graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em Biologia Vegetal pela Université Pierre et Marie Curie - Paris VI. Por muitos anos, foi professora de biologia. Em 2006, ingressou no campo artístico por meio da cerâmica artística, participando de exposições individuais e coletivas nacionais e internacionais. Ampliando sua produção artística, explora atualmente outros materiais - tecidos, espuma expansiva de poliuretano, EVA, madeira, metal - e diversas linguagens - instalação, pintura, desenho, fotografia, vídeo. Em seu processo, investiga as possibilidades conceituais que tangem seu duplo percurso: científico e artístico. Busca indagar através de sua produção a poética do pulsar, do devir. Recebeu prêmios em salões nacionais e participou de residências artísticas no Canadá, Cuba e São Paulo.

ISABELA MENDES SIELSKI

isabela@ifsc.edu.br



Pulsação. 2020 (Detalhe)
Técnica: Modelagem e fotografia
Material: Argila vermelha (sem queima) e luvas cirúrgicas.
Dimensão: 14 x 36 cm.
Acervo da Artista
Fotografia: Lucas Kinceler



Sopro de vida 3. 2020 (Detalhe)
Técnica: Modelagem e fotografia.
Materiais: Argila vermelha (sem queima), almofada, courvín e terra.
Dimensão: 33 x 75 cm.
Acervo da Artista
Fotografia: Lucas Kinceler

Isabela Mendes Sielski nasceu em Florianópolis - SC. É artista visual e professora. Em seus primeiros anos de faculdade (Educação Artística/UEDESC-1981 - 1985), dedicou-se tanto à arte da gravura quanto à cerâmica. Frequentou as oficinas de arte do Centro Integrado de Cultura. Integrou o Grupo Nha-U, coordenado pelo ceramista professor Canabarro. Depois de formada (1986), morou em Brasília, participando de projetos sociais junto à D. Maria do Barro e ao Kinceler (Zé), onde o contato com as peças de grande formato tiveram um interesse especial em sua poética (1992-1997). A partir do "encontro", com artistas contemporâneos, em sua tese de doutorado "El barro en el arte: materialidad y límites" (Bilbao-Espanha, 1997-2001), as ações e instalações com barrolargila sem queimar passaram também a fazer parte da pesquisa da artista. Desde 2004, desenvolve oficinas de cerâmica como projeto de extensão, e também leciona no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC.

MÁRCIA BRAGA

bragamarcia@hotmail.com



Sem título, 2021

Técnica: Cerâmica, queima a carvão em duas temperaturas diferentes, 800°C e 960°C

Materiais: Argila do tanque reciclada e óxido de ferro

Dimensão: 70 x 20 x 35 cm

Acervo da Artista

Fotografia: Ricardo Ara



Sem título, 2021

Técnica: Cerâmica, queima a carvão, 960°C.

Material: Argila do tanque, espuma, tecido de algodão tingido

Dimensão: 60 x 45 x 25 cm

Acervo pessoal

Fotografia: Ricardo Ara



Sem título, 2021

Técnica: Cerâmica, queima a carvão, 960°C.

Material: Argila do tanque, espuma, tecido de algodão tingido

Dimensão: 100 x 32 x 15 cm.

Acervo pessoal

Fotografia: Ricardo Ara

Marcia Machado Braga. É artista visual, arquiteta e professora. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura Ritter dos Reis (1998) e graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). É pós-graduada em Arquitetura, Arte y Espacio Efímero pela Universidade Politécnica da Cataluña (1999), mestre e doutoranda em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recebeu prêmio Açorianos de Destaque em Cerâmica em 2013 e 2015. Participa do Grupo de Pesquisa CNPq Arte pública participativa: articulação entre poética e cidadania.

MARIA CHEUNG
mariacheung57@yahoo.com



Olhos para infância - Chupetas 1. 2019
Técnica: Modelagem, queima a gás, 1300°C
Materiais: Cerâmica e metal
Dimensão: 350 x 50 cm.
Acervo: Fuping Pottery Art Vilage
Fotografia: Winnie Wang



Olhos para infância - ninhos. 2019
Técnica: Modelagem, queima a gás, 1300°C
Materiais: Cerâmica e metal
Dimensão: 200 x 40 cm.
Acervo: Fuping Pottery Art Vilage
Fotografia: Artista

Maria Cheung nasceu na China. Estudou Educação Artística e atua como artista visual desde 1980. Em sua carreira artística, acumulou vários prêmios em salões de arte, realizou inúmeras exposições em seu país e também no exterior. Desenvolve arte conceitual, resultado do resgate das suas raízes. Suas obras falam da cultura que ela negou quando criança, ao chegar ao Brasil. Hoje, como artista, tem a segurança de retornar para dentro de si mesma, para se redescobrir e conhecer a si mesma. Usa a arte para expressar a sua identidade, recria suas memórias afetivas e ancestrais e procura provocar reflexões com temas que a tocam, através de símbolos da sua cultura. Maria realiza obras de grande porte, imbuídas de referências pessoais que falam também do coletivo, além de ministrar palestras sobre o seu processo criativo. Suas obras são citadas em livros e catálogos de exposições nacionais e internacionais,

MARIA HELENA SAPAROLLI

mhsaparolli@gmail.com



Busca. 2018

Técnica: Modelagem manual, grês esmaltado cone 7, queima oxidante.

Materiais: Porcelana, base de acrílico transparente.

Dimensões: 38 x 36 cm

Acervo da Artista

Fotografia: Gilson Camargo



In verso. 2016

Técnica: Vazada em molde, esmaltação em vermelho, queima em cone 06, escrita dourado

Materiais: Barbotina grês, permanent peinture, suporte em metal com banho dourado, sete módulos de mdf em laca preto fosco.

Dimensões: 18 x 420 x 13 cm

Acervo da Artista

Fotografia: Shigueu Murakami

Maria Helena Saporoli é curitibana com formação em Artes plásticas pela Faculdade de Artes do Paraná, 1984. Desenvolve suas obras desde 1989 em atelier próprio. Sua curiosidade pela cerâmica despertou durante os simpósios e concursos promovidos pelo Museu Alfredo Andersen. Com muitas referências de artistas nessa área, sua principal inspiração foi Alice Yamamura. Frequentou o Atelier de Marília Diaz e Priscila Tramujas. E considerada uma das grandes revelações da Cerâmica no Paraná", e "uma das mais originais ceramistas da década de 1990", segundo Adalice Araujo, no seu Dicionário das Artes Plásticas no Paraná. Na sua trajetória profissional, atua fortemente participando de Salões de Arte, Coletivas de Artistas, exposições Individuais e residências artísticas no exterior, obtendo reconhecimento e premiações em âmbito Nacional e Internacional. Embora trabalhe também com outros materiais como o vidro, o bronze e os painéis em azulejo, cerâmica e concreto, a cerâmica é o principal meio de expressão. Suas obras transitam entre objetos, utilitários e escultóricos, explorando volumes com habilidade técnica para a materialização de ideias e projetos expositivos. Atuou como orientadora de cerâmica e vidro no Atelier de Escultura da Fundação Cultural de Curitiba, de 1998 a 2012. E membro da AIC/IAC - Academia Internacional de Cerâmica com sede em Genebra, Suíça, desde 2019.

MARÍLIA DIAZ

mariliadiaz8@gmail.com



Veste para Funeral. 2013

Técnica: Assemblage. Vestido em cerâmica, vitrificação a 1200°C em queima oxidante, peças fixadas com fio de cobre e alfinetes.

Materiais: Placas de cerâmica vitrificadas, tecido, fibra sintética, fio de cobre, alfinetes, ferro oxidado

Acervo da artista

Fotografia: Shiguelo Murakami



Corpos de Escape. 2013

Técnica: Instalação, cinco cópias das costas da artista em cerâmica vitrificada, 1.200°C, queima redutora e queima oxidante.

Materiais: Objetos de cerâmica vitrificados a 1200°C, ganchos de aço em metal, barra de latão, arame enferrujado e arame galvanizado

Acervo: do Museu Oscar Niemeyer - MOM - Curitiba - PR

Fotografia: Shiguelo Murakami

Marília de Oliveira Garcia Diaz nasceu numa noite muito fria de agosto. Viveu a infância no quintal da casa da avó materna entre muita louça quebrada e invenções. Genealogia de imigrantes franceses e italianos, matriz e referência para o ideário feminino. Descobriu-se artista na formação do curso de Educação Artística; momento em que começou a idear sobre os saberes das mulheres e a registrá-los na arte da terra. Formulou pastas, vidrados e construiu fornos. Participou de exposições e labutou em ateliês no Paraná e na Paraíba. Tornou-se mestre em Educação e se fez professora ao longo de trinta e seis anos de magistério. Trabalhou embaixo de árvores, acampamentos, presídios, obras da construção civil e na Universidade. Visitou dezenove países, tem mão para cozinhar e uma boca insaciável. Adora arcadas, bricabraques e a busca por objetos insólitos. Faz, contempla e escreve sobre cerâmica.

ROSANA BORTOLIN

rosanabortolin@gmail.com



Peito de barro 2018

Técnica: Modelagem manual, com a ponta dos dedos com técnica própria, queima em forno à gás, monoqueima oxidante em 1280°C.

Materiais: Foto performance e cerâmica

Dimensões: Cerâmica 20 x 20 x 7

Fotografia: 50 cm x 75 cm.

Acervo: Museu Nacional de Cerâmica, Opishne, Ucrânia

Fotografia: Danisio Silva



Dedo na ferida 2020

Técnica: Modelagem à mão com técnica própria, polimento, mono-queima em forno elétrico a 1000 C.

Material: Argila vermelha e marrom, terra sigilata e engobe

Dimensões: 26 cm x 25 cm x 19 cm

Acervo da artista

Fotografia: Danisio Silva

Rosana Bortolin, Passo Fundo. Licenciada e Bacharel em Desenho e Plástica e Especialista em Cerâmica, Mestre em Poéticas Visuais (Strictu Sensu) ECA/USPDoutoranda em Investigación y Creación en Arte Contemporâneo, na Universidade do País Vasco-UPV; Professora no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Possui obras em acervos de Museus no Brasil, Cuba, Espanha, Eslovênia, Itália, Letônia, Portugal, Rússia, Ucrânia, Argentina, República Dominicana, entre outros. Expõe regularmente desde 1984. Realiza microintervencões pelos lugares por onde anda. Coordena a Espaço Oficina - Galeria Estúdio em Florianópolis/SC/ Brasil. Também coordena o Programa de Extensão Universitária NUPEART Pro.Move do Centro de Artes- CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e coordena o laboratório institucional de Cerâmica - LICU UDESC. Séries com exposições Individuais: Ovoides, Guardiões, Alguidares, Habitar Ninhos, Sagrado-Profano e Organismos.

RODRIGO NÚÑEZ

adacache@yahoo.com.br



O down 2. 2019
Técnica: Maciço ocado, queima em forno elétrico, temperatura 1170°C
Dimensão : 50 x 18 x 20 cm
Acervo do artista
Fotografia: Fernanda Puricelli



A casa azul. 2019
Técnica: Maciço ocado, queima em forno elétrico a 1170°C.
Dimensão : 19 x 10 x 12 cm
Acervo do artista
Fotografia: Fernanda Puricelli



Pedras de equilíbrio. 2019
Técnica: Modelado de pressão, queima em forno elétrico a 1170°C.
Dimensão: 15,5 x 7,5 x 5,5 cm
Acervo do artista
Fotografia: Fernanda Puricelli



A casa céu. 2019
Técnica: Maciço ocado, queima em forno elétrico a 1170°C, pintura à frio.
Dimensão: 20 x 8 x 7 cm
Acervo do artista
Fotografia: Fernanda Puricelli

Rodrigo Núñez tem toda a sua formação artística no Instituto de Artes da UFRGS, sendo o Bacharelado em Artes Visuais com ênfase em Cerâmica; mestrado e doutorado em Poéticas Visuais. Apresenta sua produção artística em cerâmica, desenho, pintura e fotografia. É professor de cerâmica na mesma universidade há 20 anos e integra o coletivo Bando de Barro (www.bandodebarroblogspot.com). Foi chefe do Departamento de Artes Visuais da UFRGS por três mandatos. Mais de quarenta mostras individuais coletivas entre 1998 e 2020, entre Brasil e exterior. Fez várias curadorias, dentre elas O fio vermelho; Nó: um olhar sobre as insignificâncias e exposições do coletivo Bando de Barro. Apresenta obras no acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC/RS), Ganhou o Prêmio Açorianos, destaque Cerâmica, com o coletivo Bando de Barro, em 2008.

SANDRO KA

ka.sandro@gmail.com



Impasse. 2017
Técnica: Escultura/objeto
Material: Louça e borracha
Dimensão: 35 x 16 x 40 cm
Fotografia: Filipe Conde



O Peso das Coisas. 2012
Técnica: Escultura/objeto
Material: Gesso e porcelana
Dimensão: 15,5 x 77 x 18 cm
Acervo MARGS
Fotografia: Santo Clic



Reconhecimento I. 2017
Técnica: Escultura/objeto
Material: Louça
Dimensão: 13 x 29 x 12 cm
Coleção particular
Fotografia: Filipe Conde

Sandro Ouriques Cardoso vive e trabalha em Porto Alegre/RS. Artista visual e pesquisador, doutor e mestre em Artes Visuais (PGA/UFRGS), especialista em Gestão Cultural: Cultura, Desenvolvimento e Mercado (Centro Universitário SENAC/SP), especialista em Ética e Educação em Direitos Humanos (FACED/UFRGS). Licenciado em Artes Visuais (Centro Universitário Claretiano) e bacharel em Artes Visuais (IA/UFRGS). Professor de desenho na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desde 2003, participa de exposições individuais e de mostras coletivas, desenvolvendo produções nos campos da Escultura, Desenho, Instalação e Intervenção Urbana. Em âmbito de pesquisa, possui interesse na área de Poéticas Visuais e nas articulações entre Arte Contemporânea e Produção Cultural, bem como nas relações entre Arte, Política e Sexualidade.

TANIA FERREIRA SCHMIDT

tania.schmidt@uol.com.br



Organoides olfatórios 2018

Técnica: Construção por moldes, queima oxidante em 1220°C e iluminação.

Materiais: Barbotina gres, molde de gesso, tecido, sal, chocolate, naftalina, cânfora, café, alho, baunilha, cabo de aço, luzes de led.

Dimensões de cada casulo: 50 x 10 x 10 cm

Acervo da artista

Fotografia: Guto Maghs



Cápsulas ovoides 2019

Técnica: Conjunto de 10 peças em cerâmica com construção por moldes, transferencia de imagens impressos à laser e por matrizes de poliéster na superfície interna e externa, queima em 1220°C em oxidação.

Materiais: Barbotina grés, cabos de aço, pigmentos, besouros, colméias, sementes.

Dimensões: 18 x 10 x 10 cm / 12 x 13 x 13 cm.

Acervo da artista

Fotografia: Guto Maghs

Tania Ferreira Schmidt é arquiteta, formada pela USP em 1992. Trabalhou durante 20 anos desenvolvendo projetos. Os estudos da cerâmica eram uma atividade paralela e hoje se dedica principalmente à cerâmica e à fotocerâmica. Foi aluna das ceramistas Tatiana Campagnaro, Tereza Drago e Heloísa Galvão, mestras que mostraram como a cerâmica é imensa. Aprendeu modelagem no torno elétrico com a ceramista Hideko Honma, através de quem teve contato com a cerâmica tradicional japonesa. Em seu atelier próprio, foi professora de modelagem manual, de construção de moldes de gesso, de impressão de relevo e de outras interferências na superfície cerâmica. Em Porto Alegre, fez parte de um grupo orientado pela artista visual Heloísa Franco, onde desenvolveram uma pesquisa sobre objetos com luz própria e experimentos com led e porcelana translúcida. Segue a pesquisa de esmaltes, de cerâmica gráfica, modelagem no forno e nos moldes com barbotina.

VIVIANE DIEHL

viviediehl@gmail.com



Árvore queimada C e A. 2021
Série Floresta Queimada
Técnica: Queima em forno elétrico, queima em oxirredução, 1000°C.
Materiais: Argila branca.
Dimensão: 22 x 18 x 15 cm/38 x 24 x 22 cm
Acervo da artista
Fotografia: Danísio Silva



Pau Brasil I - II - III. 2021
Série Floresta Ancestral
Técnica: Queima em forno elétrico, queima em oxirredução (raku), 1000°C.
Materiais: Argila branca, esmalte vermelho.
Dimensão: 34 x 18 x 15 cm/34 x 14 cm/26 x 12 cm
Acervo da artista
Fotografia: Danísio Silva

Viviane Diehl é artista visual, doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, RS-Brasil. Licenciada e Bacharel em Artes Plásticas com especializações em arte e educação na área de artes visuais, especialmente com produção em arte cerâmica. Educadorartista e pesquisadora em Artes Visuais e Cerâmica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz, onde também atua como coordenadora na Assessoria de Arte e Cultura. É membro da Academia Internacional de Cerâmica - AIC/IAC, com sede em Genebra, Suíça. Desenvolve projetos de artes visuais, dentre os quais promove a visibilidade e o acesso à arte cerâmica na Educação Básica. Participou de exposições e eventos, tanto nacionais quanto internacionais, e possui obras em acervos de museus na China, Japão, Letônia, Polônia, Bielorrússia, Moldávia, Turquia, Cuba entre outros. Produções artísticas são apresentadas nas séries





PROPPi

Pró-reitoria de
Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



PROEN

Pró-reitoria de
Ensino



PROEX

Pró-reitoria de
Extensão

A produção da arte cerâmica contemporânea tem se mostrado e se destacado pelo caráter estético, social e histórico que reverbera. O catálogo MAIS AO SUL se propôs a reconhecer e a colocar em visibilidade o que tem sido produzido na arte cerâmica sul-brasileira, e traz um recorte observando aspectos que perpassam a produção artística, a temporalidade e a repercussão das obras. Assim, este catálogo contribui para a divulgação, valorização e fortalecimento do potencial artístico, pedagógico e cultural da arte cerâmica como conhecimento.



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

